



HORTAS URBANAS: ESTUDO DE CASO DO CENTRO CULTURAL DE SÃO PAULO

URBAN GARDEN: CASE STUDY OF CULTURAL CENTER OF SAO PAULO

HORTAS URBANAS: ESTUDIO DE CASO DEL CENTRO CULTURAL DE SÃO PAULO

Amanda Tiemi Rovaron¹

Juliano Veraldo da Costa Pita²

Resumo: Um dos temas mais debatidos na cidade do século XXI é a sustentabilidade. Neste cenário, a agricultura e horta urbana ganham destaque, por serem estratégias que reduzem os impactos ambientais. A pesquisa "Hortas Urbanas: Estudo de Caso do Centro Cultural de São Paulo" busca compreender as características objetivas das hortas, o contexto histórico, social e sua inserção na complexidade urbana. Assim, apresenta-se uma análise sobre as iniciativas de aproveitamento dos vazios urbanos, consolidadas na figura dos movimentos de horta urbana em uma abordagem ampla e multidisciplinar que permita situar a questão dentro da dinâmica da cidade contemporânea.

Palavras-chave: Agricultura Urbana. Horta Urbana. Sustentabilidade. São Paulo.

Abstract: One of the most debated themes in the city of the 21st century is sustainability. In this scenario, agriculture and urban gardening stand out because they are strategies that reduce environmental impacts. The research "Urban Gardens: Case Study of the Cultural Center of São Paulo" seeks to understand the objective characteristics of the gardens, the historical, social context and its insertion in the urban complexity. Thus, an analysis is presented on the initiatives to take advantage of the urban voids, consolidated in the figure of the urban garden movements in a broad and multidisciplinary approach that allows to situate the question within the dynamics of the contemporary city.

Keywords: Urban Agriculture, Community Gardens, Sustainability, Sao Paulo

Resumen: Uno de los temas más debatidos en La ciudad Del siglo XXI es La sostenibilidad. En este escenario, la agricultura y La huerta urbana ganan destaque, por seren estrategias que reducen los impactos ambientales. La investigación "Hortas Urbanas: Estudio de Caso del Centro Cultural de São Paulo" busca comprenderlas características objetivas de lashuertas, el contexto histórico, social y su inserción em La complejidad urbana. Así, se presenta um análisis sobre las iniciativas de aprovechamiento de los vacíos urbanos, consolidadas en la figura de los movimientos de huerta urbana em uma abordagem amplio y multidisciplinario que permita situar La cuestión dentro de La dinámica de La ciudad contemporânea

Palabras-clave: Agricultura Urbana. Horta Urbana. Sostenibilidad. San Pablo.

¹Graduanda em Arquitetura e Urbanismo - IFSP/SPO. Bolsista de Iniciação Científica. E-mail: amandarovaron@hotmail.com

² Mestre e doutorando em Teoria e História da Arquitetura e Urbanismo pelo IAU/USP. Professor efetivo do curso de Arquitetura e Urbanismo do IFSP/SPO. E-mail: juliano.pita@ifsp.edu.br



Introdução

A primeira geração a relatar o tema sustentabilidade foi a da Comissão Brundtland (*World Commission on Environment and Development*), em 1987, destacando-se a seguinte frase: “*O desenvolvimento que satisfaz as necessidades presentes, sem comprometer a capacidade das gerações futuras de suprir suas próprias necessidades*” (1987). Esta frase explicita os princípios do desenvolvimento sustentável de assegurar a existência de recursos para as próximas gerações.

O tema chega ao século XXI em evidência, sendo debatido em diversas frentes e áreas do conhecimento ao redor do mundo. Dentre eles, sobressai-se o analista do ambiente, Lester R. Brown, que defende em seus discursos a dependência das cidades com os recursos naturais, explicitando a necessidade de adoção de estratégias para redução dos impactos ambientais. Esta questão ambiental ganhou destaque, principalmente, nos anos 60 durante o movimento denominado como contracultura, cujos princípios se opunham ao *american way of life* dos anos 50. Em oposição ao consumismo e a ênfase aos valores tradicionais de família e propriedade da década pós-guerra, esse movimento tinha como ideal, entre outras pautas, o pacifismo, a vida em comunidade, o cultivo de alimentos orgânicos e a produção roupas orgânicas. Ironicamente, esta reação foi possível justamente pela mesma prosperidade material que impulsionara aquele mesmo *american way of life* - uma contradição que estaria no cerne da posterior dispersão do movimento (Gair, 2007).

Não distante ao movimento, a agricultura e horta urbana apresenta-se como uma alternativa adotada nas cidades, muitas vezes, em momentos de crises para reduzir impactos sociais, ambientais e econômicos, transformando-se em resposta às mudanças políticas, ambientais e tecnológicas, a fim de garantir a segurança alimentar³, saúde da população, vida animal, ambiente e a formação de uma comunidade coesa.

³ Segurança alimentar, neste contexto, refere-se à definição dada pela Lei Orgânica de Segurança Alimentar e Nutricional, definida como “a realização do direito de todos ao acesso regular e permanente a alimentos de qualidade, em quantidade suficiente, sem comprometer o acesso a outras necessidades essenciais, tendo como



As repercussões destes acontecimentos são globais, assim, os reflexos aparecem igualmente na cidade de São Paulo, por meio de frentes governamentais e não-governamentais que buscam soluções para melhorar o desenvolvimento urbano sustentável. Nos últimos anos, as hortas urbanas começaram a ocupar os espaços na capital paulista em locais públicos e privados, de forma coletiva e individual, proporcionando uma opção de alimentação orgânica e não convencional, além de constituir-se com um importante incentivo ao cumprimento da função social das propriedades.

Desse modo, o objetivo geral da pesquisa é estudar as iniciativas de hortas urbanas não-governamentais na cidade de São Paulo, em especial, os movimentos do Hortelões Urbanos, como fenômeno urbano, social e econômico. Já como objetivos específicos a caracterização em estudo de caso dos recém-hortelões da Horta do Centro Cultural de São Paulo, e compreender as principais motivações.

Da cidade da Idade Média a Cidade Contemporânea

“A cidade da Idade Média é uma sociedade abundante, concentrada em um pequeno espaço, um lugar de produção e de trocas em que se mesclam o artesanato e comércio alimentados por uma economia monetária.” (Le Goff, 1988, p.25).

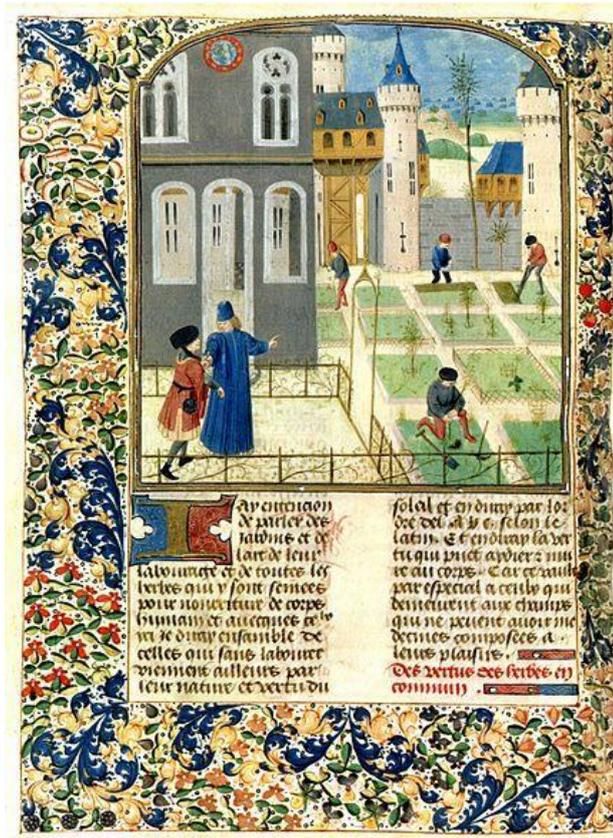
As cidades europeias da Idade Média eram caracterizadas por serem locais de produção e troca. Em Paris, por exemplo, a população era uma justaposição de agricultores, artesãos, comerciantes e aristocratas, e, segundo Le Goff: *“até o século XIX, era uma cidade permeada de jardins, locais de produção hortícola, de lazer dos poderosos ou de silêncio em torno das propriedades eclesiásticas” (Le Goff, 1988).*

Durante esse período, as iluminuras medievais (Figura 1) representavam, frequentemente, a cidade e as áreas agrícolas externas ou internas a esta, comprovando a presença deste elemento na vida das cidades.

base práticas alimentares promotoras de saúde, que respeitem a diversidade cultural e que sejam social, econômica e ambientalmente sustentáveis” (Brasil, 2006). Trata-se do viés social da questão, e inclui não somente a questão da quantidade de alimentos mas também a qualidade.



Figura 1 – Iluminura de Pierre de Crescens, século XV



Fonte: Le Goff (1988, p.30).

Ainda que a relação entre a cidade e a agricultura seja indissociável, com a Revolução Industrial, no século XIX, iniciou-se um processo de desruralização da cidade, como parte das profundas mudanças econômicas e sociais trazidas pelo novo rearranjo produtivo que se estabelecia, tendo reflexos em toda a organização tradicional da cidade e no balanço entre a população rural e a urbana. Estas transformações, apesar de se configurarem em um processo global, ocorreram em diferentes ritmos em cada país ou região.

Em Paris, em 1896, foram criados os *Jardins Ouvriers* (Jardins Operários) pequenos lotes para cultivo familiar, principalmente, nas regiões periféricas (Figura 2). Segundo Le Goff (1988, p.32): “Até o século XIX, persiste uma certa atividade rural nas cidades e ela é sempre suscetível a retornar em caso de necessidade”. Este exemplo ocorreu em várias



idades europeias e podem ser encontradas até hoje, onde as pessoas podem alugar pequenos lotes para cultivar (Herzog, 2013, p.139).

Figura 2 – Jardins operários em Paris, 1943



Fonte: Le Goff (1988, p.30).

Se no século XIX ocorre a desruralização, no século XX acontece a desindustrialização, e a cidade contemporânea perdura na sua essência um lugar de trocas e não mais de produção. Apesar dos remanescentes agrícolas, a cidade de trocas resultou em defasagens no abastecimento, por conta da acelerada aglomeração de pessoas e, conseqüente, aumento do consumo interno de bens alimentares, de água e de combustíveis, e que são agravadas no período de crises econômicas e guerras, por exemplo.

Nos Estado Unidos, em 1917, devido a escassez de alimentos em consequência da Primeira Guerra Mundial e com o objetivo de produzir comida foram criados pelo governo o



Revista Hipótese

ISSN: 2446-7154

movimento dos *Victory Gardens* (Jardins da Vitória). Esse cultivo se ampliou na grande depressão, na década de 1930, e durante a Segunda Guerra Mundial atingiu o número de 250 mil jardins familiares e 1.500 fazendas comunitárias no período (Herzog, 2013, p.139).

112

Figura 3 – Propaganda dos Jardins da Vitória durante a Segunda Guerra Mundial



Fonte: Blog Sarah Sundin.

Já no século XXI, a de agricultura e horta urbana começa a ganhar destaque nas mídias, principalmente, por conta da força que os movimentos ambientais ganham neste século. O analista ambiental fundador da Earth Policy Institute, Lester R. Brown, explicita a dependência das cidades com os recursos naturais:

“Embora muitos de nós vivamos numa sociedade urbana de alta tecnologia, dependemos dos sistemas naturais da Terra da mesma forma que nossos ancestrais caçadores-catadores dependiam.” (Brown, 2003, p.10).



A discussão sobre a sustentabilidade na cidade adquire o caráter de desenvolvimento urbano sustentável, por seus princípios estarem ligados à eficiência na utilização desses recursos. A agricultura passa a ser discutida, assim, não só como medida pontual, mas de forma sistêmica, tanto pelo seu alcance social, político e econômico, quanto pela sua escala quando aplicada à cidade.

Em Paris, o governo publicou no ano de 2017 um conjunto de iniciativas para que a cidade seja mais verde, a fim de enfrentar alguns problemas ambientais. Dentre as ações, enfatiza-se a iniciativa de potencializar a agricultura urbana objetivando diminuir o impacto da cadeia de produção e distribuição de alimentos na capital francesa que é responsável por 36% das emissões de gases de efeito estufa na cidade. Como resultado das iniciativas, a principal linha de ação do município para esse assunto compreende o desenvolvimento de uma Estratégia Alimentícia Territorial (Gaete, 2017).

Figura 4 – Agricultura Urbana em Paris, 2017



Fonte: Gaete (2017).

Desse modo, ao longo do tempo, a agricultura urbana emergiu por iniciativas governamentais e não-governamentais com diferentes escalas e funções. Em períodos de



crise, o desenvolvimento das hortas urbanas ocorreu com o objetivo de responder às dificuldades socioeconômicas, enquanto em períodos de prosperidade eram utilizados com função recreativa (Gonçalvez, 2014).

Metodologia

O modelo de pesquisa adequado ao estudo de caso é o qualitativo, no qual o número de pessoas entrevistadas é reduzido, sendo escolhidas da forma mais diversa possível, pois a finalidade não é a de constituir uma amostra representativa no sentido estatístico por indivíduos escolhidos ao acaso. Desse modo, a amostra é composta por critérios de diversificação em função das variáveis que são estratégicas para obter exemplos da maior diversidade a respeito do tema em estudo (Guy, 1982).

A coleta de dados na entrevista semiestruturada dirige-se a um participante da cultura estudada questionando seus pensamentos e sentimentos quanto indivíduo inserido no meio, assim a análise baseia-se no que é sentido. Sapir explica: "*o individuo sente, mais do que conhece, estes modelos e aplica-os com toda candura sem poder descrevê-los conscientemente*" (Sapir, 1967, p.40).

Para a análise dos dados, entende-se que:

"Em cada indivíduo, um modelo cultural assumido por personalidades diferentes com histórias de vida diferentes nas quais as necessidades, as expectativas, as participações foram diferentes. [...] Existe, assim, para cada indivíduo, um sistema complexo de acentuações, de contradições, de transformações em função dos diferentes elementos que atuam ou atuaram em seu processo de socialização." (Guy, 1982, p. 196).

Na interpretação das informações é preciso compreender e distinguir que todo indivíduo em um grupo possui particularidades culturais que não é comum a todos os membros, por vezes, é o único a possuir. O resultado desse conjunto de particularidades é o *corpus* da pesquisa. Ou seja, o *corpus* é constituído pelos discursos das pessoas interrogadas e pelo os outros sintomas, como: hesitações, risos, silêncios, gestuais, mímicas, etc., além das informações situacionais, que são representadas pela idade, pelo sexo, pela profissão, a região, o nível de estudos, etc.



A partir do *corpus* tem-se a hipótese de que todos os elementos possuem pelo menos uma significação, inclusive os detalhes, com a finalidade de reconstituir o "raciocínio" subjacente, raciocínio não consciente. As diversas progressões desse raciocínio realizada por meio desse conjunto do material visa elaborar um esquema único que seja o mais simples possível.

Por fim, o que se objetiva na entrevista semi-diretiva é reconstituir o modelo cultural que apresentará as progressões deste raciocínio que será próprio de uma cultura com ramificações diversas (Guy, 1982).

Neste estudo, o grupo Hortelões Urbanos é considerado um ator com capacidade de ação e importância equivalente aos demais envolvidos (poder público, consumidores, etc.). Internamente, como se observa a partir das entrevistas, não há hierarquia entre seus membros, sem a existência de um líder ou representante do grupo. Assim, a sua capacidade de atuação frente aos demais atores mencionados somente se dá quando considerada a coletividade que emerge desta organização interna. Neste estudo, portanto, procurou-se considerar estas duas instâncias: os Hortelões Urbanos como grupo e como indivíduos, e as dinâmicas que se configuram em consequência disto. Esta visão do todo e do indivíduo é essencial para se compreender o funcionamento de coletivos com estas mesmas características e as suas relações com outras organizações.

Portanto, compreender a dinâmica interna deste grupo através das individualidades capturadas pela entrevista semi-estruturada é essencial para se compreender as demandas, intenções e desejos deste grupo, e, por conseguinte, a sua relação com os elementos externos considerados nesta pesquisa.

Tais elementos serão contextualizados na definição do estudo de caso, já que se insere em um sistema complexo necessita ser observado a partir de um ponto de vista bem definido. As infinitas redes de relações que interagem entre os atores poderia tornar a pesquisa genérica e sem aplicabilidade local.

Horta Centro Cultural de São Paulo

A Horta do Centro Cultural de São Paulo (CCSP) - objeto de estudo - é uma horta comunitária experimental localizada no jardim suspenso do instituto. O início da horta foi



Revista Hipótese

ISSN: 2446-7154

promovido pela Secretaria Municipal do Verde e do Meio Ambiente em 2011, porém o começo da iniciativa não foi bem sucedida e somente em 2013 a horta foi consolidada, a partir da reativação impulsionada pelo grupo dos Hortelões Urbanos. Abaixo o relato de um membro dos Hortelões Urbanos que participou da reativação:

116

“Cada uma com seus motivos e finalidades diferentes. A horta do CCSP não serve pra alimentar ninguém. Aliás, a pequena produção será destinada aos voluntários que se revezam para cuidar dela e para eventuais transeuntes que querem beliscar alguma delícia.” (Borducci, 2013).

Atualmente, a organização e divulgação ocorrem, principalmente, pela rede social do Facebook², os mutirões acontecem a cada 15 dias e conta com voluntários que fazem a manutenção entre estas datas.

Figura 5 – Horta Comunitária no jardim suspenso do Centro Cultural de São Paulo



Fonte: Autor (28/10/2017)

A visita foi feita na Horta CCSP, objeto de estudo, em um dia de mutirão para entender como ocorrem essas ações e traçar o perfil dos usuários, compreender a função e a necessidade que o espaço desempenha a partir do questionário semiestruturado. As entrevistas



foram guiadas pelo questionário e aplicadas em 7 (sete) participantes, dos 14 (quatorze) que se encontravam no evento.

Caracterização dos voluntários

Tabela 1 – Caracterização dos voluntários

Entrevistado	Gênero	Faixa etária	Área de atuação	Experiências Anteriores
Entrevistado 1	Feminino	≥ 60 anos	Pedagogia	Hortas da prefeitura: Projeto Lucio Montoro
Entrevistado 2	Feminino	18-25 anos	Arquitetura e Urbanismo	Trabalho de Conclusão de Curso: Redistribuição do Mercado Orgânico em BH
Entrevistado 3	Feminino	18-25 anos	Engenharia Elétrica	Horta em casa e trabalho sobre o movimento Cidade Sem Fome
Entrevistado 4	Masculino	40-59 anos	Professor	<i>Não descrito na entrevista</i>
Entrevistado 5	Masculino	18-25 anos	Estudante Gestão Ambiental	No interior de São Paulo, colhendo cana-de-açúcar, amora, etc.
Entrevistado 6	Feminino	25-39 anos	<i>Não descrito na entrevista</i>	<i>Não descrito na entrevista</i>
Entrevistado 7	Masculino	25-39 anos	<i>Não descrito na entrevista</i>	<i>Não descrito na entrevista</i>

Fonte: Autor (2017).

A tabela acima expõe o gênero, a faixa etária, a área de atuação profissional e as experiências anteriores dos 7 (sete) entrevistados. Em relação ao gênero, verifica-se que a diferença entre os gêneros masculinos e femininos foi de 1 (uma) pessoa, sendo o número de voluntários feminino maior. Já no que diz respeito à faixa etária, constata-se não foi entrevistado nenhum participante com idade inferior aos 18 anos, sendo os intervalos mais baixos para o qual se obtiveram resultados foram dos 40 aos 59 anos e maior que 60 anos, apenas 1 (um) caso para cada. A maior concentração foi no intervalo de 18 a 25 anos.



Em relação a área de atuação, ressalta-se que 2 (dois) participantes não tiveram em sua entrevista esta informação revelada, enquanto aos demais participantes é relevante a informação de que a escolaridade é de nível ensino superior completo ou em curso. Apesar de um caso trazer a vivência no interior, esta é caracterizada como uma atividade passageira e não cotidiana, com isto, as experiências anteriores estão relacionadas à vida urbana e acadêmica, e não rural e produtiva. Este perfil pode ser observado nos seguintes discursos:

“Então, tô me formando em Gestão Ambiental pela USP. A gente veio com intuito de conhecer melhor a horta comunitária, só que na visão da PANC que são Plantas Alimentícias Não Convencionais, por essa horta obter esse tipo de planta a gente já tá aqui e vamos fazer uma pesquisa em cima disso.” (Entrevistado 6, 2017).

“É assim, eu trabalhei nas hortas que a prefeitura tinha, em um projeto Lucio Montoro, cada subprefeitura tinha uma estufa. E depois, essa é uma opinião particular, por má administração acabou abortando o projeto e sendo delegado para secretaria do verde e meio ambiente, não sei em que condições está agora.” (Entrevistado 1, 2017).

Relação dos voluntários com a horta: proximidade e motivação

Tabela 2 – Relação dos voluntários com a horta

Entrevistado	Moradia	Frequência	Relação	Motivações
Entrevistado 1	10 quarteirões do CCSP	Alta	Coletiva	Não descrito na entrevista
Entrevistado 2	Belo Horizonte, MG	Primeira vez	Isolada	Educacional para poder levar essa iniciativa para BH Qualidade dos alimentos
Entrevistado 3	1 km CCSP	Primeira vez	Coletiva	Educacional para poder aprimorar o plantio em casa Qualidade na alimentação por ser vegetariana



Entrevistado 4	Bairro Bela Vista, SP	Baixa	Coletiva	Educacional para fazer uma horta em casa (inicial) Convívio Social (posterior)
Entrevistado 5	Bairro Cambuci, SP	Primeira vez	Coletiva	Educacional, está realizando um trabalho sobre a PANC
Entrevistado 6	Pinheiros, SP	Alta	Coletiva	Autonomia para cultivar a própria comida (inicial) Convívio Social (posterior)
Entrevistado 7	Interlagos, SP	Média	Coletiva	Autonomia para cultivar a própria comida (inicial) Qualidade na alimentação por ser vegano (inicial) Convívio Social (posterior)
Obs.:Entende-se por alta a ida aos mutirões e em alguns dias da semana, média ida aos mutirões e baixa a ida em alguns mutirões.				

Fonte: Autor (2017).

No que diz respeito ao deslocamento e moradia, verifica-se que 4 (quatro) dos entrevistados moram em bairros próximos ao Centro Cultural, com a possibilidade de realizar o trajeto de bicicleta ou a pé, os outros 2 (dois) residentes de São Paulo moram na zona Oeste, sendo feito o percurso de transporte público, e apenas 1 (um) participante não reside em São Paulo, estando à turismo na cidade. A partir da análise do local de moradia junto à análise do discurso de cada entrevistado é possível classificar a ação como coletiva ou isolada: coletiva quando praticada com cunho também social e isolada quando não vinculada ao social, assim, apenas 1 (um) entrevistado não apresentou traços de vínculos sociais com o meio, o que coincide com a não residência no município.

“Em São Paulo, frequento pouco, conheço pessoas de outras hortas, a gente troca bastante ideia, mas tem essa questão de proximidade, né? O ideal seria ter uma horta pertinho de casa, bom eu tenho na minha casa, mas depois disso, das grandes essa é uma das próximas, costume vir de bicicleta, então acabou não indo nas outras famosas, melhor nem falar” (Entrevistado 4, 2017).



Para analisar a motivação é importante traçar o perfil da horta em estudo, a partir da visita de campo e das entrevistas. Os relatos abaixo de 2 (dois) dos hortelões descrevem a prática e o resultado do cultivo na horta:

“Um dos intuitos aqui seria assim estimular as pessoas a plantar em casa e começar outras hortas comunitárias em outros lugares. [...]A gente gostaria de produzir mais, mas de qualquer forma a intenção aqui é mais educativa e experimental do que de produção, não dá pra produzir muito alimento. A gente produz, consome, mas o intuito é mais educativo.” (Entrevistado 6, 2017).

“Eu não costumo consumir muitas coisas daqui, mas você pode dizer tem o interesse que é a gente acaba levando uma muda para casa, eu vou consumir o que eu produzir em casa, mas a mãe vem daqui. Peguei já capuchinha, eu como capuchinha em casa. Batata doce que nem essa aqui, eu planto lá em casa.” (Entrevistado 4, 2017).

Os demais relatos anexados no apêndice 3 trazem estes mesmos traços e o porte da horta também contribui para a análise (tamanho inferior a 120 m²), assim, confirma-se o perfil relatado de horta experimental, educacional e de pequena produção, tal como é observado no trecho que o entrevistado 4 fala da coleta de mudas no CCSP para plantar em residência.

Em relação a motivação das voluntários, cabe ressaltar que 1 (uma) entrevista não informou a motivação do hortelão. Com exceção deste caso, destaca-se nos discursos de todos entrevistados o interesse educacional para aplicação em outros campos, como por exemplo em residência, e o estímulo social aparece no relato de 3 (três) participantes, em ambos os casos este interesse surgiu depois de frequentar algumas vezes a horta.

Análise de dados da Horta CCSP

Com as informações explicitadas acima, o grupo de entrevistados é composto em sua maioria por jovens adultos residentes próximos à Horta do CCSP com formação superior concluída ou em curso e de hábitos tipicamente urbanos. O gênero predominante do grupo se mostrou, nesta pesquisa, um fator determinante para a participação das pessoas no mutirão. Outro perfil que cabe destaque é o de um entrevistado que não reside em São Paulo, por



atribuir a horta característica de ponto atrativo que vai além do local. O grupo entrevistado configurava-se por pessoas que vieram pela primeira vez e os que já haviam frequentado com números muitos próximos (quatro frequentes e três pela primeira vez).

Em relação a motivação, cabe destacar o interesse de 6 (seis) indivíduos no aspecto educacional e pedagógico para cultivo próprio e de melhora na qualidade alimentar, ficando em segundo plano nos usuários já frequentes o interesse social e de lazer. Outro traço importante da motivação é o de não ter como objetivo a produção de alimentos para fins econômicos, e que pode ser confirmado com a frequência de cultivo a cada 15 dias, ou seja, não é cotidiano. Este perfil traçado confirma a contextualização local feita a partir das referências bibliográficas.

O perfil da Horta do Centro Cultural de São Paulo é caracterizado por sua localização em área institucional, que apesar de não ter todos os traços de vazão urbano, ainda assim configurava-se em uma área que não desempenhava o seu potencial social. E, por último, a produção observada na visita de campo confirmou a produção de hortaliças de pequeno porte e algumas PANC e pela entrevista foi constatado também que o destinação destes produtos são para os próprios voluntários, quando ocorrem as colheitas.

Os movimentos que tem início no século XXI distanciam-se dos primeiros acontecimentos citados no histórico geral por estes se formarem a fim de suprir as necessidades básicas da alimentação, porém, aproximam-se estas duas realidades no que diz respeito ao o retorno da prática agrícola em períodos de crise. Essa crise no século XXI é caracterizada pela queda da qualidade dos alimentos consumidos pelo o uso de agrotóxicos, transgênicos e, muitas vezes, processados, devido principalmente à longa trajetória que esses alimentos tem que fazer para chegar até o consumidor final, que estão vinculadas diretamente às questões ambientais, como, por exemplo, de redução das emissões de gases (Pinto, 2007).

Por fim, conclui-se esta seção com uma citação que resume o potencial da agricultura e horta urbana como meio de integração da população com a cidade e com a política:

“A articulação e o trabalho coletivo em torno das hortas é um janela para que as pessoas comecem a se preocupar e participar das políticas de urbanismo na cidade. Muitos começam discutindo a implantação de uma horta no bairro e logo percebem que podem (e devem) participar nas



Revista Hipótese

ISSN: 2446-7154

decisões políticas. Movimentos como esse abrem caminho para que as pessoas pensem mais sobre a cidade e abrem portas para participação de pessoas comuns na política”. (Borducci, 2013).

122

Conclusões

As ações destacadas, a primeira vista, podem parecer de pequeno impacto ou relevância frente aos imensos problemas e questões que permeiam a cidade. De fato, o alcance das hortas urbanas é limitado quando se observa estas somente sob o viés da produtividade ou do mercado. Meios mais eficientes de produção alimentar estão disponíveis para a agricultura moderna, que se configura em uma verdadeira indústria.

Entretanto, ao se analisar estas ações de uma maneira ampla e multidisciplinar, observa-se que a sua relevância abrange diversos aspectos da vida cidadina contemporânea. Seja sob o aspecto histórico estudado no início desta pesquisa, seja sob o prisma individual relatado pelos entrevistados. As hortas se inserem em uma rede mais complexa de relações que não podem ser dissociadas ou reduzidas, mas sim compreendida em sua diversidade nas mais variadas escalas.

Se a atividade agricultura foi determinante para o florescimento da civilização humana, e conformou as cidades medievais até o período moderno, a revolução industrial, consequência distante deste processo histórico, encarregou-se de separar o homem de seus meios de produção alimentar. A vida contemporânea, a partir dos anos 1950 transformou a própria agricultura em indústria, em um processo de quase autofagia. Em pouco tempo, os alimentos tradicionais tornam-se irreconhecíveis, processados e alterados em sua estrutura em nome da praticidade e da maquinação do próprio modo de vida contemporâneo. Não há mais tempo para a observância dos ciclos naturais, das estações e do crescimento. A embalagem hermeticamente fechada, a comida aquecida diretamente no microondas tornou-se, através da força da propaganda e da indústria o prenúncio da libertação dos ciclos naturais. Nada de esperar a estação pela fruta da época, ou de aguardar o crescimento dos legumes e folhas. Consume-se o que se quer, quando se quer.

Entretanto, tal liberdade é ilusória. O pensamento seccionado, determinista, desconsiderar que estes ciclos naturais são indissociáveis do ser humano, que a eles está



Revista Hipótese



ISSN: 2446-7154

sujeito. Os antigos habitantes, que plantaram o germe da cidade contemporânea sabiam desta realidade, e reservaram para dentro dos muros espaços para a agricultura.

123

As hortas urbanas contemporâneas são herdeiras deste legado. Ainda que, como dito anteriormente, não seja a produção material de alimentos que irá alterar o arranjo produtivo em termos quantitativos, elas certamente o farão sob o ponto de vista qualitativo. Os indivíduos que atuam nestes espaços reconectam-se com estes ciclos e redescobrem a consciência da interconexão das diversas variáveis da natureza: o clima, as plantas, o solo, o trabalho coletivo. Este senso de coletividade e de pertinência fica claro nas entrevistas e na ação coletiva que este senso desperta.

Toda ação coletiva é uma ação de afirmação e celebração dos pontos convergentes de uma determinada comunidade. Estes pontos de convergência emergem apesar (ou, mais apropriadamente, por causa) das individualidades envolvidas, criando um corpo coletivo maior que a soma dos indivíduos. Se a produção material não é impactante, a propagação de ideias e conceitos como o dos ciclos naturais já citados, mas também ações de apropriação e ressignificação da própria cidade e de seus espaços; transformação de não lugares em lugares reais, vívidos; compreensão da imensa desigualdade que torna possível o próprio cultivo como atividade de lazer ao passo que na mesma cidade, alguns passam fome; criação de redes de trocas de informação e de expansão destas ideias. Estes são os impactos verdadeiramente duradouros dessas ações.

Soma-se a estas ações em outros aspectos da vida cotidiana que buscam retornar às raízes e fugir da abordagem determinista e mecanicista da cidade contemporânea, e temos o embrião de uma tomada de consciência coletiva que pode resgatar saberes tradicionais no novo contexto contemporâneo, não pautados mais pela necessidade material da produção de alimentos, mas visando a autonomia e à coletivização da cidade: uma ação de cidadania e pertencimento.

Referências

ALENCAR, Lucas. **Hortelões urbanos criam grupo no Facebook para compartilhar conhecimento, técnicas e sementes**. 18 de Junho de 2015. Disponível em: <<http://revistagloborural.globo.com/Noticias/Agricultura/Hortifruti/noticia/2015/06/horteloes-urbanos-como-plantar-em-grandes-cidades-sao-paulo.html>>. Acesso em: 25 nov. 2017.



ASHBY, William Ross. **General systems Theory as a new discipline**. In General System Yearbook, 3,1,1958.

BEER, Stafford. **Diagnosing the system for organizations**. Chichester, John Wiley, 1985.

BORDUCCHI, Guilherme. **A Horta do CCSP**. 17 de maio de 2013. Disponível em: <<http://arquivo.pontoeletronico.me/2013/05/17/a-horta-do-ccsp/>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

BRASIL. Conselho Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional (Consea). **II Conferência Nacional de Segurança Alimentar e Nutricional**, 17-20 março, 2004. Brasília: Consea; 2004.

BROWN, L. R. **Eco-Economia: Construindo uma economia para Terra**. EPI - Earth Policy Institute / UMA - Universidade Livre da Mata Atlântica, 2003. Disponível em: <http://www.biodiversidade.rs.gov.br/arquivos/1161806787Eco_Economia.pdf>. Acesso em: 04 nov. 2016.

CARVALHO, J. M. **Meio ambiente: A história da sustentabilidade e sua importância nas escolas**. Disponível em: <<http://www.educacaopublica.rj.gov.br/biblioteca/meioambiente/0037.html>>. Acesso em: 04 de nov. 2016.

CIDADE SEM FOME. (São Paulo). **Sobre a organização**. Disponível em: <<http://cidadessemfome.org/pt-br/#ueber>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

DITTMAR, Adriana C. C.. **Paisagem e morfologia de vazios urbanos: Análise da transformação dos espaços residuais e remanescentes urbanos ferroviários em Curitiba- PR**. Dissertação de mestrado, Curitiba : [s.n.], 2006.

ENTREVISTADO 1. **Entrevista 1**. [out. 2017]. Entrevistadores: Amanda Tiemi Rovaron e Kauê Widniczek Romagna. São Paulo, 2017. 1 arquivo .mp3 (4,46 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 da monografia.

ENTREVISTADO 2. **Entrevista 2**. [out. 2017]. Entrevistadores: Amanda Tiemi Rovaron e Kauê Widniczek Romagna. São Paulo, 2017. 1 arquivo .mp3 (1,45 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 da monografia.

ENTREVISTADO 3. **Entrevista 3**. [out. 2017]. Entrevistadores: Amanda Tiemi Rovaron e Kauê Widniczek Romagna. São Paulo, 2017. 1 arquivo .mp3 (5,07 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 da monografia.

ENTREVISTADO 4. **Entrevista 4**. [out. 2017]. Entrevistadores: Amanda Tiemi Rovaron e Kauê Widniczek Romagna. São Paulo, 2017. 1 arquivo .mp3 (4,02 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 da monografia.

ENTREVISTADO 5. **Entrevista 5**. [out. 2017]. Entrevistadores: Amanda Tiemi Rovaron e Kauê Widniczek Romagna. São Paulo, 2017. 1 arquivo .mp3 (8,53 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 da monografia.



ENTREVISTADO 6 & ENTREVISTADO 7. **Entrevista 6.** [out. 2017]. Entrevistadores: Amanda Tiemi Rovaron e Kauê Widniczek Romagna. São Paulo, 2017. 1 arquivo .mp3 (11,16 min.). A entrevista na íntegra encontra-se transcrita no Apêndice 3 da monografia.

FAO (2001). Urban and Peri Urban Agriculture: A briefing guide for the successful implementation of Urban and Peri-urban Agriculture in Developing Countries and Countries of Transition. Disponível em: <http://www.fao.org/fileadmin/templates/FCIT/PDF/briefing_guide.pdf>. Acesso em: 30 jun. 2017.

GAETE, Constanza Martínez. **Os planos de Paris para incentivar a agricultura urbana e construir jardins públicos.** ArchDaily Brasil, 11 abr. 2017. (Trad. Brant, Julia). Disponível em: <<https://www.archdaily.com.br/br/868791/os-planos-de-paris-para-incentivar-a-agricultura-urbana-e-construir-jardins-publicos>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

GAIR, Christopher. **American Counterculture.** Edinburgh University Press, 2007.

HERZOG, Cecilia Polacow. **Cidades para todos: (re)aprendendo a conviver com a natureza.** 1. ed. Rio de Janeiro: Mauad X: Inverte, 2013. 311 p.

HORTA DAS CORUJAS. (São Paulo). **Sobre a Horta.** Disponível em: <<https://hortadascorujas.wordpress.com/sobre-a-horta/>>. Acesso em: 26 nov. 2017.

MOUGEOT, L.J.A. (2000). **Agricultura Urbana - conceito e definição.** Disponível em: <<http://agriculturaurbana.org.br/RAU/AU01/AU1conceito.html>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

MORIN, Edgar. **O Método.** 1. A Natureza da Natureza. Lisboa, 1977. Ed Publicações Europa-America.

PINTO, R. S. B. F. F. **Hortas urbanas: espaços para o desenvolvimento sustentável em Braga.** Portugal: Universidade do Minho, 2007.

PINTO, R., RIBEIRO, C., SIMÕES, P., GONÇALVES, A.B. & RAMOS, R. (2011). **Viabilidade Ambiental das Hortas Urbanas enquanto espaços para o desenvolvimento sustentável.** Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/15924>>. Acesso em: 30 jun. 2017.

SD/FAO. **L'agriculture périurbaine au Panamá: une approche novatrice pour la préservation de l'environnement.** Reforma Agrária, [s.l.], 1992, abril, 1998.

ROSS, Alana. **Agricultura: dos povos nômades aos complexos agroindustriais.** Revista Eletrônica em Gestão, Educação e Tecnologia Ambiental, [S.l.], 2012, p.7, v.7. Disponível em: <<https://periodicos.ufsm.br/reget/article/viewFile/5562/3606>>. Acesso em: 25 nov. 2017.

SMIT, J., NASR, J. & RATTA, A. (2001a). **Cities that feed themselves.** In Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities. USA: The Urban Agriculture Network, Inc.;

SMIT, J., NASR, J. & RATTA, A. (2001b). **Urban agriculture yesterday and today.** In Urban Agriculture: Food, Jobs and Sustainable Cities. USA: The Urban Agriculture Network, Inc.;



Revista Hipótese



ISSN: 2446-7154

SUSTENTARQUI. (Rio de Janeiro). **5 exemplos de Hortas Urbanas no Brasil** . 21 de Maio de 2014.
Disponível em: <<http://sustentarqui.com.br/urbanismo-paisagismo/exemplos-de-hortas-urbanas/>>.
Acesso em: 27 nov. 2017.

126

VALDIONES, A. P. G. **Panorama da Agricultura Urbana e Periurbana no município de São Paulo**. 2013. Dissertação (Mestrado em Mudança Social e Participação Política) - Escola de Artes, Ciências e Humanidades, Universidade de São Paulo, São Paulo, 2013.

WORLD COMMISSION ON ENVIRONMENT AND DEVELOPMENT. **Our Common Future**.
Disponível em: <<https://ambiente.files.wordpress.com/2011/03/brundtland-report-our-common-future.pdf>>. Acesso em: 04 nov. de 2016.